

BORGES, SARAMAGO E O JOGO DAS COINCIDENCIAS

Procurar definições gerais sobre figuras universais como Jorge Luís Borges (1899-1986) ou José Saramago (1922-2010) muitas vezes envolve o risco de incorrer em estereótipos rápidos, uma ousadia que se torna imprudente se a abordagem é feita com o limitado prisma da política.

Se assim fosse, se fosse por levar em conta como estes dois gênios literários viam a realidade política, de forma tão antagónica; se fosse para avaliar como interpretava ideologicamente cada um o compromisso social e sua relação com o poder, então podia dizer-se que as coincidências entre Saramago e Borges começam e terminam, quase, no pouco ou muito sangue português que corria em suas veias.

Os antepassados paternos de Borges, produto de uma típica mistura argentina crioula europeia, eram certamente portugueses. O seu bisavô tinha partido para o Río de la Plata desde Moncorvo, em Trás Os Montes, Alto Douro.

Nos anos 20, o jovem escritor viveu uns anos em Espanha e veio para Portugal em busca da sua família, mas na lista telefónica “havia tantos Borges que era como se não existisse nenhum. Tinha cinco páginas de parentes. O infinito e o zero são semelhantes. Não podia telefonar a cinco páginas de pessoas e perguntar: ‘Diga-me uma coisa: existiu na sua família um capitão chamado Borges, que embarcou para o Brasil no final do século XVIII ou início do século XIX?’”.

Em 1984, dois anos antes de morrer, o autor de “Ficções” visitou Lisboa mas o cansaço de ancião impediu-o de chegar até àquela povoação para fechar o círculo que tinha aberto o seu bisavô Francisco Borges. Então, declarou-se comovido por pisar terra portuguesa, embora sobre o assunto já tivesse dito quase tudo num poema que tinha escrito muito antes, “Os Borges” (1960):

Nada ou pouco sei dos meus ancestrais / Portugueses, os Borges: vaga gente / Que na minha carne, obscuramente / Prossegue seus hábitos, temores e rituais / Ténues como se nunca houvessem existido/ E alheios aos trâmites da arte / Indecifavelmente fazem parte / Do tempo, da terra e do que é esquecido / Melhor assim. Cumprida a odisseia / São Portugal, são a famosa gente / Que forçou as muralhas do Oriente / E se deu ao mar e a outro mar de areia”.

Assim as coisas, que Borges (eterno candidato ao Nobel da Literatura) e Saramago (ele sim, Nobel em 1998) tenham vivido e escrito ao longo do mesmo século, que tenham sido lidas, que tenham influenciado e até sido comentadas mutuamente, bem que podem ter sido fruto de um azar temporal, o mesmo que atingiu a tantos intelectuais da época. Então?

Num texto borgiano (A morte e a bússola, 1944), um teimoso investigador responde á reconstrução do policia sobre o que tinha sucedido: “Possível, mas não interessante. Você responderá que a realidade não tem a menor obrigação de ser interessante. Eu lhe responderei que a realidade pode prescindir dessa obrigação, mas não as hipóteses”.

Pois bem. Autorizados pelo próprio autor a procurar outras hipóteses e mais interessantes, propomos uma: Borges e Saramago tiveram em comum mais do que possa acreditar um leitor desprevenido de notícias gerais.

Como leitores aficionados e agradecidos, sabemos do apreço de Borges e de Saramago pelos “heterónimos”, esses autores de fantasia por detrás dos quais alguns escritores gostam de jogar com textos apócrifos. O argentino já o tinha feito em 1936 atribuindo a um advogado indiano de êxito na Grã Bretanha, Mir Bahadur Alí, a novela policial “A aproximação a Almotásim”. Muitos entusiastas procuraram nas livrarias de Londres mas era tudo uma invenção borgiana.

O antecedente vale porque Borges voltou a repeti-lo em “Exame da obra de Herbert Quain” (1941), a quem lhe atribui, entre outras novelas, “O Deus do Labirinto”. E vale ainda mais porque quatro décadas depois é Saramago quem publica “O ano da morte de Ricardo Reis”(1984), em honra a outro heterónimo, o de um grande da literatura portuguesa e mundial: Fernando Pessoa.

Nessa obra, o médico português Ricardo Reis, residente no Brasil, embarca em 1936 para Lisboa convocado por telegrama por Álvaro de Campos (também heterónimo) com motivo da morte de Pessoa. No camarote do navio, encontra um livro aberto. Qual? “O Deus do Labirinto”, de Herbert Quain. Saramago chegaria a perguntar-se pouco antes da sua morte porque não tinha sido Borges o autor das andanças de Ricardo Reis, com o natural que teria sido para ele.

Iremos mais além. A fim de manter o ânimo tão literário como profundo, digamos também que o olhar que ambos tinham sobre a morte os aproximava com uma força inusitada.

Dizia o Borges ancião e cego: “Mais alem de alguns temores de índole religiosa, tenho a certeza de que vou morrer inteiramente. É um grande consolo, que dá muita força a um homem. O saber que é efémero. A ideia de ser duradouro é horrível, realmente. A imortalidade seria um castigo. O Céu, se durasse muito, seria o Inferno. O sofrimento é efémero, o prazer também. Está bem que seja assim, senão seria tudo muito tedioso”.

Saramago, em “As Intermittências da morte” (2005), um dos seus últimos escritos, dedicou-se exactamente ao mesmo assunto, e com similares conclusões. Como seria um país onde as pessoas deixassem de morrer de um dia para o outro? Ali também

apresenta os terríveis dilemas de uma velhice eterna e as contradições das religiões incapazes de conceber semelhante alternativa. Flor de coincidência, diriam em Buenos Aires.

A favor da nossa hipótese, em 2008, no Arco do Cego (a referência à cegueira tampouco deveria ser casualidade), Saramago assistiu à inauguração de uma escultura dedicada a Borges. O monumento “é simples, evocativo, muito melhor que um busto ou uma estatua perante a qual ficaríamos cansados procurando encontrar semelhanças”, escreveu mais tarde em seus cadernos.

Ali, Saramago chamou a Borges “o último dos gigantes literários” e, dias depois, incluiu-o na sua “família do espírito”, a par de Camões, Cervantes, Kafka e Gogol, entre outros poucos. Ao argentino, o autor português atribuiu-lhe o descobrimento da literatura virtual, “essa literatura sua que parece ter-se desprendido da realidade para revelar melhor os seus invisíveis mistérios. Há mundos que existem a partir do momento em que ele os criou”.

Nesse mesmo ano, em Lanzarote, Saramago tinha aludido ao “castigo das máscaras” que padecem os grandes escritores, que têm que suportar a imagem que o resto das pessoas fabrica sobre eles e com a qual têm de conviver, embora não seja autêntica. “Levam essa cruz como uma máscara que não podem arrancar”. Máscaras que mostram diferente o que, provavelmente, não é tal.

Saramago tinha também a sua própria hipótese com respeito a Borges e que coincide bastante com a nossa em relação a ambos: “É um autor difícil de ler... Na segunda, na terceira ou na quarta leitura, damos-nos conta de que o que podia parecer uma história relativamente plana, tem diferentes leituras e embora seja nas entrelinhas há algo para ler e é algo que não se encontra facilmente”.

Visto que ambos coincidiram em afiliar-se a coincidentes ideias sobre a morte, agora que já não estão, tudo parece ter ficado como devia. “Eu, que imaginava o paraíso como uma espécie de biblioteca”, escreveu Borges.

Então, ali se estarão vendo, porque se é mais aquilo que os une do aquilo que os pode separar, essa coincidência passa pelos livros, e por como torná-los únicos e geniais criando novos mundos que nos convidam a visitar para salvar-se a si próprio. Pelo menos, essa é a nossa modesta hipótese.